

# CORPOESPAÇOTEMPO DO ABANDONO

## Práticas extensionistas em visualidades e invisibilidades feministas

*BODYSPACETIME OF ABANDONMENT*  
*Extensionist practices in*  
*feminist visualities and invisibilities*

**Adriana Nascimento<sup>1</sup>, Amanda Lima Martins<sup>2</sup>,  
Isadora Helena Julio de Carvalho<sup>3</sup> e Tânia Solano Ardito<sup>4</sup>**

### Resumo

O presente artigo visa dar visibilidade a corpos, espaços e tempos indissociadamente e associados a abordagens interdisciplinares do abandono enquanto invisibilidade na contemporaneidade. O *corpoespaçotempo* é uma correspondência entre os diversos componentes básicos de subsistência do indivíduo por diferentes escalas e relações políticas e intersetoriais, bem como produz uma alusão aos conhecimentos referentes às visibilidades, aos direitos e a representatividade de parcelas da população, com foco na mulher, em debates feministas e acerca da alteridade. Os diferentes tipos de abandono estão presentes no cotidiano das minorias, no viés rotineiro da exclusão, da subordinação e da discriminação em corpos a espaços e tempos. Os debates teóricos e as práticas extensionistas aqui apresentadas, desenvolvidas junto ao Fórum de Mulheres das Vertentes, permitem uma percepção atualizada daquilo que é vago, marginalizado e degradado nos dias atuais, evidenciando reincidências em negligências de corpos em relações espaço-temporais e sociais invisibilizadas de modo inter-relacionado e interseccional.

Palavras-chave: abandono, corpo, espaço, tempo, invisibilidade.

### Abstract

*The purpose of this article is to highlight visibility to bodies, spaces, and times in an inseparable way associated with interdisciplinary approaches to abandonment as invisibility in contemporary times. The bodyspacetime is a correspondence between the various basic subsistence components of the individual by different scales and political and intersectoral relations, as well as produces an allusion to the knowledge regarding visibilities, rights and representativeness of parts of the population, with a focus on women, in feminist debates and about otherness. The different types of abandonment are present in the daily life of minorities, in the routine bias of exclusion, subordination, and discrimination from bodies to spaces and times. The theoretical debates and the extensionist practices presented here, developed with Women's Forum of Vertentes, allow an updated perception of what is vague, marginalized, and degraded nowadays, evidencing recidivism in the neglect of bodies in space-time and social relations invisibilized in an interrelated and intersectional way.*

*Keywords: abandonment, body, space, time, invisibility.*

<sup>1</sup> Pesquisadora da Universidade Federal de São, João Del-Rei ( UFSJ) [adrianan@ufs.br](mailto:adrianan@ufs.br)

<sup>2</sup> Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). [amandamartins1024@gmail.com](mailto:amandamartins1024@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda em Psicologia, Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). [isadorahelennaj@gmail.com](mailto:isadorahelennaj@gmail.com)

<sup>4</sup> Doutoranda em Modernidades Comparadas, Universidade do Minho/ Portugal. [tania.ardito@gmail.com](mailto:tania.ardito@gmail.com)

### Introdução

O tema arquitetura do abandono permite diferentes abordagens devido ao amplo significado do verbo abandonar, assim como as inúmeras questões que envolvem a arquitetura, e espaço urbanizado em suas diversas escalas, incluída a regional (sudeste brasileiro) e a global (sul-sul) (UNDP, 2020). Partindo de nossa atuação extensionista este artigo foca em abordagens relacionais em *corpoespaçotempo*<sup>5</sup> pelo viés do abandono de minorias sociais, com foco na mulher, em debates feministas e acerca da alteridade. A esta compreensão situada e multidimensional de *corpoespaçotempo* articula-se o debate territorial de Haesbaert (2020) que incorpora transversalmente a realidade colocando corpos, espaços e tempos de forma indissociável e como condição existencial (ARENDR, 2002), em termos interseccionais e produzindo conhecimentos a partir de dados e informações quantitativas e qualitativas.

O *corpoespaçotempo* é uma correspondência entre os diversos componentes básicos de subsistência do indivíduo por diferentes escalas e relações políticas e intersetoriais, bem como produz uma alusão aos conhecimentos referentes às visibilidades, aos direitos e a representatividade de parcelas da população, neste trabalho orientado em estudos e práticas sobre mulheres.

De início, delimitamos o nosso entendimento a respeito das minorias sociais. Segundo Madeira et al. (2022) o termo inclui todas as pessoas que se encontram em desvantagens na sociedade, sem apoio, reféns da invisibilidade. São grupos diversos como negros, mulheres, homossexuais, e constituem um grande percentual da população, entretanto, considerados minorias devido a falta de representatividade na esfera pública política, suas lutas tem sido historicamente negligenciadas e abandonadas.

Enquanto de um lado existe uma população refém do abandono e de ausências (SANTOS, 2002), do outro encontra-se uma parcela social de alto poder aquisitivo, que não se preocupa com a classe baixa e deseja um distanciamento dos menos favorecidos. A existência de políticas públicas não implementadas ou a ausência de direcionamentos para as minorias, por fatores diversos, contribuem para uma desigualdade social cada vez maior.

Nesse cenário no qual a manutenção das desigualdades tem sido aprofundada, apresentamos algumas das práticas do programa de extensão (R)Urbanidades Afro, Latino e Pan Americanas do Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Artes Aplicadas da Universidade Federal de São João Del-Rei no sentido de difundir debates que contribuem para dar visibilidade a temas relevantes como o feminismo, a arte, a política, a cultura em diferentes contextos e condições em urbanidades e ruralidades.

Entre as parcerias do programa de extensão está a participação junto ao Fórum de Mulheres das Vertentes (FMV), um movimento na mesorregião do Campo das Vertentes em Minas Gerais que abarca as microrregiões de Barbacena, de São João Del-Rei e de Lavras e busca articular coletivos e discussões feministas para promover transformações sócio-espaciais e em diferentes âmbitos.

Diante de experiências e atuações desenvolvidas em parceria com o FMV, abordamos no texto o abandono vivenciado e assistido socialmente na região do Campo das Vertentes, por meio de diferentes lentes: 1. enquanto mulheres; 2. como participantes

<sup>5</sup> Este debate vem sendo estruturado desde 2011 quando da publicação do artigo Territórios do *corpoespaçotempo*: quem planeja? apresentado no ENANPUR 2011.

do FMV e 3. como integrantes da Universidade, protagonistas em diferentes ações que incluem as extensionistas.

Ao abordarmos diferentes tipos de abandono dos quais as mulheres são historicamente vítimas, verificamos com o passar do tempo, por meio da luta, que há trabalho e muito a ser feito para mudar este cenário, ainda com desafios encontrados em termos de desigualdades e alteridades, conforme dados do IBGE (2018) e do relatório sobre desenvolvimento da ONU (UNDP, 2020).

Dentre os debates que estruturam a proposta do programa e deste artigo nos apoiamos na construção de Lélia González (1988) acerca do que denomina de *amefricanidade*. Segundo Ochy Curiel (2007, p. 98-99): “González denunció la latinidad como una nueva forma de eurocentrismo, pues subestima o descarta las dimensiones indígenas y negras en la construcción de las Américas”.

Esta definição de *amefricanidade* situa a compreensão da abordagem *corpoespaçotempo* do abandono que junto a uma breve contextualização local e da região histórica do Campo das Vertentes em Minas Gerais evidencia contradições desde os processos de colonização e urbanização. Na atualidade é conhecida pelo seu acervo histórico, sua economia, em grande parte voltada para o turismo, além de atualmente ser pólo universitário que atrai jovens de diferentes localidades de Minas Gerais e do Brasil, sobressaindo em diferentes meios de difusão, sobretudo pela ênfase ao patrimônio cultural material.

De origem barroca, foi constituída e ocupada por processo colonizatório relativo ao ciclo do ouro, diretamente relacionada com práticas patriarcais via regimes administrativo, jurídico e eclesiástico pautados por paradoxos religiosos e escravocratas.

Como exposto anteriormente, este artigo está pautado em atividades realizadas pelo programa de extensão (R)Urbanidades Afro, Latino e Pan Americanas desenvolvidas durante o período da pandemia da Covid-19, entre elas mesas-redondas on-line denominadas *Poéticas Latinas* (A.T.A. Grupo de Pesquisa, 2022) que exploraram temas decoloniais acerca da representatividade feminina, reforçando o debate sobre a igualdade política entre os sexos, dos pontos de vista econômicos, sócio-espaciais, legais e raciais, assim como fomentar o debate e a difusão de conhecimentos sobre diferentes âmbitos destas questões, de modo interdisciplinar e articulado em ensino-pesquisa-extensão.

Dentre as ações realizadas houve também contribuições em levantamentos de dados sobre as condições de vida das mulheres integrantes e atendidas pelo FMV no cenário pandêmico por meio de diferentes ações como questionários e rodas de conversa. Estas ações vem permitindo trocas de conhecimentos e experiências de vida, de reciprocidades, assim como de anseios e necessidades gerais e básicas ocasionadas por abandonos sistêmicos materiais e imateriais, no sentido de 1. aprofundar conhecimentos locais em termos amplos - em *corpoespaçotempo*; 2. contribuir em visibilidades acerca dos problemas encontrados e 3. agir no sentido de transformar entendimentos sobre diferentes realidades (perceptiva, mental e material) de forma multidimensional.

## Sociedade do abandono

Há diversos autores como Paulo Freire<sup>6</sup>, bell hooks<sup>7</sup>, Patricia Hill Collins<sup>8</sup> Simone Beauvoir<sup>9</sup>, Grosfoguel<sup>10</sup> e, Boaventura de Souza Santos (2002) - que neste artigo contribui mais especificamente - com os debates sobre a relação social com o outro, a objetificação e subordinação histórica de alguns sujeitos, aqui destacados pelas mulheres.

Pensar no abandono é também pensar na invisibilidade. Tudo que é abandonado é passível tanto à regeneração, quanto ao esquecimento. Mas e quando pessoas são abandonadas? Quando o ser humano é tratado como invisível, sem nenhum suporte para viverem dignamente?

Dentre as atividades do FMV e do programa de extensão, os debates e estudos sobre os diferentes tipos de abandono também foram objetos de interesse e ações. Nesse sentido, destacamos o estudo do artigo de Santos (2002) que formula o termo *sociologia das ausências*. Segundo o autor, o que não existe é criado para não existir, ou seja, o sistema garante a manutenção das invisibilidades e desigualdades. Deste modo, a *sociologia das ausências* surge para investigar as questões sociais de uma lógica independente de relações de subordinação impostas.

Ainda segundo o mesmo autor, a reprodução da invisibilidade acontece de diferentes maneiras. Primeiramente existe a *monocultura do saber* que deslegitima todo conhecimento proveniente de classes menos favorecidas. Além disso, há também a *monocultura do tempo*, que define a História como sequencial, dando destaque ao que hegemonicamente se define como grandes potências mundiais. Neste viés, todos os grupos sociais que não se constituem de maneira similar ao que se estabelece como países desenvolvidos são rotulados como subdesenvolvidos, sem levar em consideração as especificidades de cada povo, comparando trajetórias diferentes de uma mesma perspectiva, em disputa desigual.

Outro mecanismo da produção de invisibilidades segundo Santos (2002) é a *lógica da classificação social*. Esta teoria, naturaliza relações de poder ao justificá-las como provenientes da classificação social, em outras palavras, a relação de dominação existente é determinada pela raça, gênero, classe, entre outros fatores sociais já estabelecidos, não havendo responsáveis pela inferioridade, sendo simplesmente pré-estabelecido pelas características herdadas.

Dentro da teoria de Santos (2002) há também, a *lógica da escala dominante*, afirmando que quem detém o poder dita as prioridades, definindo por particularidades próprias a não-existência de demais causas. Por esta abordagem, outros pontos de vista que não os dominantes são irrelevantes. E por último, a *lógica produtivista*, na qual o crescimento econômico é quem dita as condições de trabalho.

6 Vide: *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

7 Vide: *Ensinando a transgredir. A educação como prática da liberdade*, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

8 Vide: *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*. Revista Sociedade e Estado, vol. 31, núm. 1, janeiro-abril, 2016, pp. 99-127

9 Vide: *O segundo sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2008.

10 Vide: *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI*, Revista Sociedade e estado, vol. 31, n. 1, p. 25- 49, Jan-Apr 2016.

A partir da análise feita por Santos (2002), é possível perceber a existência de métodos para produzir a invisibilidade, ficando evidente que o abandono das minorias sociais é historicamente proposital. Nessa perspectiva, a *sociologia das ausências* surge da preocupação em garantir o desenvolvimento autônomo, permitindo a cada grupo social vivenciar suas especificidades e seu tempo, tornando válido a luta dos menos favorecidos.

Françoise Vergès (2020), teórica feminista, afirma em seus estudos que as relações de classe e raça entre mulheres permanecem reproduzindo lógicas capitalistas e patriarcais de subordinação social que perpetuam invisibilizações espaço-temporais, globalmente. O fato de mulheres brancas ascenderem a cargos e profissões atribuídas historicamente aos homens não termina com as exclusões de raça, já que trabalhos e profissões consideradas menores permanecem subvalorizadas e, de modo ainda colonial, perpetuadas.

Trata-se, portanto, de uma cultura que privilegia alguns grupos sociais e menospreza outros. Nesse cenário, a desigualdade tende a aumentar quando um indivíduo é pobre, mulher, negra(o), periférica(o), no qual são encontrados mais obstáculos para melhorar as condições de vida. Poucas são as oportunidades de ascensão social, de empoderamento subjetivo, de representatividade e de ação individual e coletiva sobre consciência social. Logo, o espaço do abandono é interseccional, pois muitas são as camadas sociais vítimas dessa disparidade.

Se mulheres são as mais afetadas por essa lógica segregacionista, analisando pela abordagem de Santos (2002), percebe-se como a *monocultura do saber* atua invisibilizando a luta feminista. Todas as questões vivenciadas pelas mulheres são julgadas e analisadas por um pensamento produzido cultural e historicamente masculino e patriarcal. Espaço e temporalmente, no ambiente de trabalho, de estudos, de segurança pública e no seu próprio lar, seus conhecimentos são questionados e muitas vezes ignorados. Suas falas não são ouvidas mesmo quando possuem grande domínio sobre a temática abordada, muitas vezes ainda é necessário que um homem se posicione por ou com as mulheres para que o assunto ganhe a devida seriedade.

Situações de desigualdade e invisibilidade também dificultam a vida das mulheres pela *lógica produtivista* (SANTOS, 2002) que define as condições de trabalho pelo viés dos detentores dos meios de produção. No caso das mulheres integrantes, atendidas e escutadas pelo FMV as precariedades são variadas, mas o abandono de práticas e modos de vida, trabalhistas, das condições de moradia e de suporte em políticas públicas sociais, de saúde e educacionais são generalizadas.

Ainda nos dias atuais as mulheres são responsáveis pelos filhos e pela casa, mesmo trabalhando e contribuindo com as despesas da família e as funções do lar, na maioria das vezes, não são divididas igualmente com seus parceiros. O abandono dos estudos, nas escutas, é um dos fatores no qual a maternidade se atrela.

Diante da sobrecarga de tarefas, as mulheres ainda são submetidas a condições de trabalho que negligenciam essas questões exigindo o máximo de seus esforços, com salários inferiores e carga horária semelhante à dos homens. Reforçamos que à *lógica das monoculturas*, acrescenta-se a do *tempo* de dedicação aos afazeres domésticos, que compromete social, econômica e culturalmente as dinâmicas da mulher em relação à sobrecarga de trabalho aos quais é historicamente subordinada.

Contribuindo com os pressupostos da *monocultura do tempo linear* de Santos (2002) as mulheres nunca estiveram historicamente em condições de igualdade com os homens, e por muito tempo não tiveram direito ao voto, aos estudos, tiveram vontades

reprimidas, incluindo desejos profissionais que foram negados em razão de constituírem família ou outras razões quaisquer. Os direitos conquistados foram obtidos por meio de movimentos feministas e esse histórico de limitações ainda afeta os dias atuais, dificultando a conquista de espaços dominados pela presença masculina.

Seguindo a tese das *monoculturas* de Santos (2002) associada à *classificação social*<sup>11</sup> de Quijano (2014) e à abordagem decolonial destacadas por Curiel (2007) e Vergès (2020) coloca-se a mulher como subordinada não apenas ao homem, mas em relação a diferentes grupos sociais a que pertence, ainda que com muita luta para mudar essas relações. Nessa lógica, enquanto alguns homens e mulheres de certas classes sociais e raças trabalham e produzem riquezas, outras mulheres cuidam da casa, em trabalhos instáveis e com posições subalternizadas e menos valorizadas.

A *lógica da escala dominante* (Santos, 2002) coloca sobretudo a raça branca como autoridade, sendo suas pautas alvo de atenção e, todos os demais assuntos são tratados como alheios, secundários e mesmo negligenciados, garantindo a continuidade deste modo civilizatório criado por grupos privilegiados.

Além de todos esses mecanismos históricos e culturais que garantem a manutenção das disparidades econômico-sociais e entre os sexos, perpetua-se a invisibilidade das mulheres e a negligência com o corpo feminino, que ocorre em diferentes situações. Diariamente mulheres são vítimas de feminicídio, violência física e psicológica, preconceito, assédio, desvalorização salarial, retirada de autonomia, silenciamentos, entre outros tipos de invisibilidades e abandono.

A estas relações de abandono e invisibilidades cotidianas associamos os debates sociológico-geográficos (NASCIMENTO et al, 2019) entre Ana Clara Torres Ribeiro<sup>12</sup> e Milton Santos<sup>13</sup> ao tratarem de gestos e espaços banais. Dizemos que a banalização de práticas sócio-espaciais ratificam práticas culturais ao longo do tempo perpetuando lógicas excludentes em *corpoespaçotempo*.

Segundo o Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022 elaborado por meio de dados fornecidos pelas secretarias públicas estaduais, pelas polícias civis, militares e federais e outros órgãos oficiais de segurança pública, o número de homicídios de mulheres e feminicídios de 2020 a 2021 diminuíram, entretanto, o número de tentativas de feminicídios, de lesão corporal dolosa neste mesmo período aumentaram, ou seja, crimes letais diminuíram, enquanto outras formas de violência aumentaram.

Em 2020, a pandemia de Covid-19 fez com que mulheres em situação de violência ficassem ainda mais vulneráveis. O início da pandemia foi marcado por uma crescente preocupação a respeito da violência contra meninas e mulheres, as quais passaram a conviver mais tempo em suas residências com seus agressores, muitas vezes impossibilitadas de acessarem (sic.) serviços públicos e redes de apoio (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2022, p. 165).

11 Vide *Colonialidad del poder y clasificación social*, In: Cuestiones y horizontes : de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. p. 285-327. Buenos Aires: CLACSO, 2014.

12 Vide *Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário*, In: Forma em crise. Utopias necessárias, p. 93-111. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2005.

13 Vide *Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

Outro dado relevante diz respeito à situação econômica durante a pandemia da Covid-19. Em pesquisa realizada pelo Datafolha em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2020 quem mais sentiu a diminuição da renda familiar foram as mulheres. Ao buscar entender esses dados, é importante levar em consideração que são as mulheres o grupo social que mais exerce empregos informais e, deste modo, durante a pandemia da Covid-19 foram as primeiras a sofrerem com os impactos econômicos e serem demitidas.

O que se percebe da realidade cotidiana das mulheres pelo viés das ausências e de meios que buscam dar visibilidade a essas condições na atualidade permanecem ainda carentes de respostas econômico-sociais, em políticas públicas, educativas, culturais e em diversos outros âmbitos, como abordaremos adiante.

### **O abandono do corpo feminino na cidade (urbano) e no campo (rural)<sup>14</sup>**

Na busca de uma abordagem aprofundada da realidade vivenciada pelas mulheres, nesta abordagem articulada em ensino-pesquisa-extensão realizada pelo programa (R)Urbanidades Afro, Latino e Pan Americanas fez-se necessário uma série de recortes temáticos sobre questões relevantes identificadas. Primeiramente abordamos as minorias sociais, em seguida questões de invisibilidades e vulnerabilidades relacionadas às mulheres em geral. Agora, quais são essas mulheres em condições de vulnerabilidade?

Apesar de todas as mulheres sofrerem com o apagamento histórico e serem submetidas a cumprirem um papel social de subordinação seguindo padrões patriarcais e sexistas, essas dificuldades são vivenciadas de forma diferente por mulheres brancas, mulheres negras e também de acordo a classe em que se encontram e, portanto, relacionadas com suas condições financeiras.

De acordo com dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022, 37,5% das vítimas de feminicídio são brancas e 62% são negras. As mulheres negras além de lidarem com o machismo, são vítimas também de racismo e de estereótipos historicamente impostos pela sociedade.

Segundo a Fundação Getúlio Vargas (2022), analisando índices da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio com referência em dados do IBGE, as mulheres negras possuem altas taxas de desemprego e informalidade comparadas a outros grupos sociais como o de mulheres brancas e pardas e até mesmo de homens brancos e pardos.

Joice Berth (2019) ao escrever sobre *Empoderamento* para a Coleção Feminismos Plurais destaca como as relações sociais mantêm a população negra no lugar da subalternidade ao negar os saberes produzidos por essas pessoas. Quando se trata da mulher negra, a invisibilidade e inferioridade é mais perceptível ainda, visto que este grupo ocupa uma posição de abandono também no âmbito das lutas sociais. Pautas como o machismo e o racismo, por exemplo, abordam a realidade do negro e da mulher, mas o recorte da mulher negra tem sido deixado de lado.

<sup>14</sup> Dados obtidos em atividades de ensino-pesquisa-extensão realizadas no âmbito da UFSJ e articuladas junto ao grupo de pesquisa A.T.A. desde 2010.

Nesse sentido, “o pensamento feminista negro consiste em ideias produzidas por mulheres negras que elucidam um ponto de vista de e para mulheres negras” (COLLINS, 2016, p. 101). É nítido que a mulher negra vivencia uma realidade específica e que, portanto, precisa, de um olhar de sua própria realidade com o propósito de articular à políticas públicas que atendam, de fato, as necessidades deste grupo social.

Se a mulher ocupa um papel importante na sociedade, sobretudo nos lares, por ser ela a responsável pelos cuidados e educação dos filhos, pela organização e limpeza da casa e também pelo sustento de suas famílias, muitos também são os obstáculos e desafios encontrados diariamente, pois este papel se perpetua e se reproduz também social e culturalmente. No âmbito da urbanização e também nas áreas periféricas e rurais relaciona-se às necessidades básicas que são negligenciadas, tais como, luz, água potável, tratamento de esgoto, segurança, mobilidade, saúde e educação, como também, demandas específicas das mulheres (CURIEL, 2007).

A ineficácia dos serviços públicos de qualidade dificulta a vida de todos, e as mulheres, em suas muitas atividades exercidas diariamente sentem mais intensamente essas dificuldades, na cidade e, mais intensamente, no campo, sobretudo ao tratarmos dos serviços públicos básicos como a mobilidade e a educação<sup>15</sup>, ou a falta de tratamento de esgoto e água potável que ocasionam doenças principalmente em crianças, e as distâncias e precárias condições de atendimentos pediátricos e dos postos de saúde dificultam acessos médicos<sup>16</sup>.

Desta forma, mães são obrigadas a faltar em seus empregos para cuidarem dos filhos, ficam horas em filas de hospitais, desamparadas pelo poder público. Todas as dificuldades sentidas de maneira mais intensa pelas mulheres, podem também ser observadas pela falta de iluminação pública, tornando trajetos diários de trabalho, escola e casa mais arriscado para elas (NASCIMENTO et al., 2019)<sup>17</sup>.

Enquanto os homens sentem medo de assaltos devido a insegurança gerada por locais mal iluminados, as mulheres além de assaltos são vítimas de sequestros seguido de violência sexual, entre outros crimes.

Retomando o debate sobre o acesso à educação, a administração pública além de não garantir condições para que mães possam estudar, também dificulta que as mesmas trabalhem, vista a ausência de creches e vagas que atendem toda a demanda. Desse modo, as mães são obrigadas a enfrentar filas em busca de vagas, quando há creche.

Como relatado pela reportagem da TV EPTV1, já há em 2019 indignação nas filas de espera:

O sol está muito quente, muito calor, é difícil ficar na fila com criança desse jeito. A gente precisa trabalhar e não posso pagar escola particular. A gente tem que passar por humilhação porque precisa. Eu me sinto humilhada, principalmente porque estamos com crianças (faxineira Lourivanda em reportagem para TV EPTV1, 2019).

<sup>15</sup> Há diversos estudos que abordam os tempos de deslocamento casa-trabalho, em sua maioria sem especificar gênero. Regionalmente e em estudos locais realizados no Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFSJ esta questão tem aparecido em disciplinas teóricas e estúdios ministrados pela Profa. Adriana Nascimento.

<sup>16</sup> Dados obtidos junto ao Fórum de Mulheres das Vertentes e ao Observatório da Saúde Coletiva da UFSJ.

<sup>17</sup> Vide o debate do artigo O caminhar é para todas? Uma abordagem de mulheres latino-americanas sobre derivas e *flâneries* na contemporaneidade, publicado no ENANPUR de 2019.

Em síntese, as necessidades básicas não são garantidas, as cidades não são planejadas em relação direta com as demandas existentes e políticas públicas ainda não garantem vida digna a todas as mulheres. Além das questões apresentadas acima, esta minoria social precisa de visibilidade para pautas urgentes, como os diferentes tipos de violência contra e cuidados da mulher.

Não há local e idade para os casos de violência contra a mulher: as agressões são desde psicológicas, assédio moral, sexual, violência obstétrica e agressões físicas. Atravessados por discursos racistas e machistas, infelizmente, em muitos casos a vítima não busca ajuda devido ao medo das reações dos agressores e descrença na atuação da justiça e com isso, se tornam vítimas do feminicídio.

Recorrendo novamente ao levantamento do Anuário Brasileiro de Segurança Pública de 2022, aponta-se o estado de Minas Gerais como o que mais registrou casos de feminicídios no Brasil. Entre os casos mais recentes, a morte de Tânia Aparecida em outubro de 2022, em Belo Horizonte, nos revela como é falha a atuação da polícia em crimes contra a mulher.

Segundo o jornal G1, a vítima ficou dois dias em casa até ser levada ao hospital pelo marido. Ao ser internada, com a presença do agressor no local, a polícia militar foi acionada, mas conforme relatado, nada foi feito. Após receber alta, a vítima procurou a polícia para realizar denúncia, entretanto, no dia seguinte veio a falecer devido uma hemorragia.

Após a morte da vítima, o homem agressor foi agredido. Ao recorrer à polícia militar, confessou a violência contra a mulher, sendo instaurado um procedimento investigatório para apurar os fatos. De agressor passou à vítima e não foi preso. Por trás de crimes como esse, muitas também são as agressões psicológicas sofridas, o que acontece frequentemente com outras mulheres.

A impunidade do feminicídio relatada, e difundida por noticiários, colabora exponencialmente com a ideia de favorecimento aos agressores, que se sentem à vontade para continuarem a praticar violência. Dessa forma as vítimas perdem a credibilidade frente a atuação da polícia, contribuindo para ausências, apagamentos, ocultamentos, silenciamentos, sofrimentos, angústias e abandonos das causas de violências contra as mulheres.

Entende-se que ao dar visibilidade a pautas destes tipos de abandonos em gestos, práticas e espaços por diferentes campos do conhecimento, podem ser realizadas melhorias relacionadas aos cuidados e à qualidade de vida em *corpoespaçotempo*, independente de ser no espaço urbano ou no rural.

### **Poéticas Latinas e outras ações: olhares sobre as urbanidades e ruralidades**

A partir de demandas, juntamente ao FMV e articuladas ao programa nacional de movimentos e lutas participamos das realizações do evento 8M, referente ao dia das mulheres, 8 de março, no qual tivemos muitos compartilhamentos interdisciplinares de vivências e subjetivação em diferentes mesas de conversa na proposta *Poéticas Latinas* (Figura 1).



As mesa redondas foram realizadas entre os dias 22 e 25 de março de 2022 com as seguintes temáticas:

1. Poética performativa y política que tratou de relacionamentos e proporções ambientais, analisando dispositivos pedagógicos, artísticos e ativistas, mesclando entre teoria e práticas criativas sistêmicas, sociológicas, econômicas e políticas da sociedade<sup>18</sup>;
2. La poética feminista en las arquitecturas para la vida en la producción del espacio urbano que debateu sobre o papel da mulher na produção sócio-espacial e estrutural urbana e plural<sup>19</sup>;
3. Poética de la vida en ruralidades y urbanidades que foi uma roda de conversa sobre experiências revolucionárias entre cidade-campo envolvendo a qualidade de vida em diferentes comunidades<sup>20</sup>;
4. Poética feminista en la literatura que deu ênfase aos debates literários,

18 Vide: mesa-redonda disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=FIQPAEmdn\\_I](https://www.youtube.com/watch?v=FIQPAEmdn_I)

19 Vide: mesa-redonda disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9HtUchRiWeA>

20 Vide: mesa-redonda disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6leoND76Jfg>

relacionando o lugar ocupado pela mulher no espaço produtivo, discutindo seus direitos em múltiplos ambientes e tempos<sup>21</sup>.

As ações do *Poéticas Latinas* proporcionaram debates interessantes acerca do olhar das mulheres e sobre a mulher tanto historicamente, profissionalmente, nas artes performáticas e na literatura, na arquitetura, quanto das condições das mulheres nas áreas rurais em relação às urbanas, interseccional e internacionalmente, sendo as participantes de diferentes origens: africanas, brasileiras, chilenas e portuguesas.

Importantes autoras foram destacadas e discutidas, bem como suas contribuições nas diferentes produções e profissões, desde a escrita literária à teórico-acadêmica acerca das condições das mulheres nas sociedades latinoamericanas e africanas. O olhar crítico também foi trabalhado abordando diferentes temporalidades em comparação com os dias atuais, observando o que mudou e o que ainda permanece na contemporaneidade em urbanidades e ruralidades.

Com relação ao trabalho feminino literário, alguns focos foram pontuados, como a investigação do trabalho com a escrita de mulheres e principalmente o trabalho com a escrita de mulheres negras, suas realidades, percepções e vivências. Observou-se nos debates uma denúncia em virtude do racismo estrutural ainda presente na sociedade, com a naturalização de pensamentos e ações que promovem a segregação sócio-espacial de pessoas negras, invalidando e inviabilizando seus trabalhos, permanecendo com baixo reconhecimento intelectual nos espaços do saber e, portanto, com alcances ainda limitados. Atitudes de cunho preconceituoso e discriminatório atingem duramente essa população produtiva.

As ações promovidas pelo programa de extensão junto ao FMV visam contribuir para que as mulheres e em especial pretas e pardas sejam vistas, respeitadas e que saiam de condições de subalternidade e exclusão, potencializando a valorização cultural, intelectual e histórias em diferentes contextos, escalas e alcances.

Considerando alguns aspectos mencionados, as perspectivas das mulheres presentes nas mesas realizadas, em especial nas mesas do *Poéticas Latinas*, se manifestaram sobre a escrita, o corpo, a sexualidade, o gênero, o prazer, a produção espacial e cultural em seus diferentes âmbitos e conjunturas, assim como sobre os caminhos trilhados em relação aos desafios existentes e delineados por questões culturais, econômicas, sociais e morais como é o caso da política em diferentes âmbitos, desde as do mercado editorial às políticas públicas, da ausência de planos setoriais que favorecem o silenciar e atrapalham a circulação de projetos e ideias femininas/feministas pelos diferentes espaços sociais.

Normalmente este tipo de produção cultural tem sido ocultada pelo patriarcado, que camufla a figura feminina, sendo reservados ainda e sobretudo os papéis de dona de casa e de cuidadoras dos filhos. Figuras revolucionárias que conseguem *fugir à regra* são importantes para a história, também por suas contribuições. O compartilhamento deste tipo de trabalho feminino juntamente com suas vivências e histórias traz mediações e importantes repertórios para os diferentes grupos sociais e seus contextos locais.

No texto *Intelectuais Negras*<sup>22</sup> bell hooks (1995) promove interessantes reflexões no qual faz referência a observação de mulheres negras que militam e educam em suas comunidades e/ou em um quilombo afetivo, construtivo e potente e conseqüentemente,

21 Vide: mesa-redonda disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=heCOxmVxFQ4>

22 Vide artigo *Intelectuais Negras*. Revista Estudos Feministas, vol. 3, n.2, p. 464-478, 1995.

fica clara a necessidade de se pensar em mulheres negras e no conceito de intelecto a partir de diferentes pontos de vista, especialmente do delas.

Outros pontos trabalhados e discutidos nos encontros proporcionados pelo A.T.A. UFSJ, grupo de pesquisa interdisciplinar, que coordena o programa de extensão aqui mencionado, buscam desenvolver trabalhos e diálogos entre diferentes campos e áreas do conhecimento, como os estudos artísticos, de gênero na crítica feminista; as possibilidades de incursão no mercado de trabalho feminino; as expectativas alheias com relação à postura das mulheres, onde quer que elas estejam; os significados impostos aos corpos como forma de negá-los e silenciá-los, visto que práticas como essas estão, inconsciente e conscientemente presentes ainda nos dias atuais.

Além dos encontros com o FMV e das rodas de conversa interdisciplinares, em parceria com a Revista Subversa, especializada em literatura contemporânea luso-brasileira, realizou-se a oficina de escrita literária Sonhos Pandêmicos urbanos e rurais, que foi uma atividade desenvolvida durante o Inverno Cultural da UFSJ em 2021, direcionada, exclusivamente, às mulheres.

As participantes desta oficina relataram sobre os diferentes sonhos que tiveram durante o período da pandemia. Esse processo se transformou em um trabalho de escrita, edição, ilustrações e colagens em cima de textos, sendo uma participação nos processos de planejamento e de visualização de múltiplas dinâmicas territoriais. A atividade difundiu métodos de organização e proporcionou diferentes discursos, que geraram segmentos de análise e uma visão interseccional para discussões e reflexões sobre essa experiência.

Desdobramentos interdisciplinares foram articulados a pesquisas, desde a filosofia, a literatura e a arte conceitual até a arquitetura e urbanismo, observando a comunicação, o ser, o fazer e a orientação no espaço com mapeamentos colaborativos e cartografias, além do desenvolvimento de tecnologias, a distribuição e a mobilidade informacional, no qual ferramentas de exploração e experimentação urbana têm por finalidade a elaboração de novas possibilidades de produção e aproveitamentos (CARVALHO, 2021), a partir e pelas resoluções obtidas pelo programa de extensão.

Ressaltamos que é na interdisciplinaridade e nas trocas de saberes que se permite oferecer acesso à qualidade de vida a todos os corpos, espaços e tempos. Os textos trabalhados no grupo de pesquisa e junto aos parceiros do programa, têm sido marcados por debates sobre culturas, de racialização, de invisibilidades, do lugar da violência, assim como por marginalizações e, em contraponto, os da fruição estética via literatura e arte, por atravessamentos amorosos.

O lugar do outro fora de contexto, da subalternidade da mulher e de sua emancipação como sujeito poético feminino que reivindica sua voz na luta pela liberdade (DAVIS, 2021), por funções, cargos, espaços, tempos e referências no contexto social, político e também histórico, fugindo das *monoculturas*, como orientado por Santos (2002).

### Corpo feminino e a política

Diante da realidade de abandonos e invisibilidades vivenciadas pelas mulheres, são grupos como o Fórum de Mulheres das Vertentes (FMV) que auxiliam na luta por melhorias para este segmento social, contribuindo para que a mulher seja livre dos padrões coloniais impostos a elas. A atuação do movimento na região do Campo das Vertentes é articulada por diferentes coletivos e integrantes em grupos de trabalho (GT's). No cenário pandêmico, foram articulados meios para arrecadar cestas básicas

destinadas a famílias e mulheres necessitadas da região (PINHEIRO; GUIMARÃES; LIMA, 2021).

Na atuação junto ao FMV, a fim de entendermos o perfil das integrantes do coletivo, foi elaborado questionário e encaminhado a todas as participantes abordando perguntas relacionadas a dados pessoais, a saúde física e mental, condições de trabalho e anseios futuros. As respostas obtidas resultaram em um compilado de informações que auxiliam a entender as condições e demandas dessas mulheres.

Um dado importante diz respeito à raça das participantes que responderam ao questionário, sendo que 60% das mulheres integrantes se consideram e autodeclararam como brancas. Esse percentual nos faz pensar qual o motivo da discussão feminista não ocupar ou alcançar, na região onde atua, espaços de mulheres negras, visto que são as minorias sociais mais atingidas pela invisibilidade, ainda que esta participação venha aumentando gradativamente.

Se pretendemos construir um feminismo mais inclusivo, precisamos ter abordagens e capilaridade para tornar o feminismo como parte das vidas das mulheres que não estão, por diferentes motivos ou condições de sobrevivência, em espaços usualmente frequentados pelas integrantes, coletivos e mulheres feministas. (PINHEIRO, GUIMARÃES, LIMA, 2021, p. 109)

Ao perguntarmos no formulário sobre a saúde física e mental das mulheres durante a pandemia da Covid-19, várias foram as respostas indicando aumento do cansaço mental, variação de humor, estresse, desânimo, ansiedade, esgotamento e sobrecarga de trabalho. Esses dados só reafirmam o papel da mulher como responsável pelo lar, e durante o período da Covid-19, em que parte da população ficou em casa e a demanda por tarefas domésticas aumentou, exigindo mais de mães e esposas.

Por meio da interação promovida pelas atividades do FMV e das respostas ao questionário observa-se o desejo das mulheres em ampliar o conhecimento de assuntos relacionados à política a fim de conquistarem espaços de decisões públicas para garantir que pautas voltadas para questões como a violência contra a mulher e a independência financeira, sejam melhor abordadas e implementadas.

A realização da sociedade urbana exige uma planificação orientada para as necessidades sociais, as necessidades da sociedade urbana. Ela necessita de uma ciência da cidade (das relações e correlações na vida urbana). Necessárias, estas condições não bastam. Uma força social e política capaz de operar esses meios (que não são mais do que meios) é igualmente indispensável. (LEFEBVRE, 2001, p. 138)

Apesar dos direitos das mulheres serem assegurados por algumas legislações, a falta de representatividade feminina nos cargos de decisão colaboram para a não aplicação das leis. À medida que mulheres são eleitas para cargos políticos e de liderança em setores públicos como delegacias, universidades, hospitais, suas necessidades ganham mais atenção e cuidados.

Não basta apenas criar políticas públicas direcionadas para as mulheres, é preciso uma correta abordagem das questões feministas e também o cumprimento das leis visto que os índices de violência contra mulheres não diminuíram, permanecendo necessário questionar atuações e realizações em *corpoespaçotempo*.

A negligência dos setores de segurança pública assim como a falta de profissionalismo para lidar com as vítimas dos diversos tipos de violência evidenciam a necessidade de uma educação voltada para mudanças de pensamento e de comportamento, sobretudo em direção ao combate ao machismo enraizado culturalmente.

Das atividades desenvolvidas no ano de 2022 devido às eleições presidenciais, destaca-se a atuação do FMV na busca e disseminação de informações verídicas e fundamentadas por meio das redes sociais no sentido da conscientização política e de suas repercussões em pautas, ações e projetos que as incluam nos debates sócio-espaciais e culturais.

### Considerações finais

Uma abordagem interseccional dos corpos femininos nos diferentes tempos e espaços da contemporaneidade revela diferentes abandonos dessa minoria social. Hoje, após muitas lutas, a mulher ainda ocupa um lugar de inferioridade e subalternidade decorrente de atrasos históricos.

Todas as temáticas abordadas tanto em termos práticos como teóricos, expostos no artigo, direcionam para a necessidade de articulação de debates dentro e fora dos movimentos feministas a fim de dar visibilidade e notoriedade às lutas das mulheres, de modo crítico, com especificidades, seja em contextos locais, regionais ou globais, conforme agendas internacionais e com necessidade de estabelecimento de agendas nacionais e locais.

Em síntese, grupos marginalizados junto às minorias sociais, referenciadas ao longo do artigo, sofrem com o abandono, em condições *corpoespaçotempo* ainda reduzidas em atenção, atendimentos, ascensão social, profissional, financeira, artística e com o baixo reconhecimento intelectual ao longo dos anos. Portanto, experienciam constantes desigualdades e a escassez de oportunidades nos diferentes ambientes culturais e em variados âmbitos e escalas: trabalhistas, sociais, culturais, midiáticos, municipais, urbanos e rurais.

Os debates e ações aqui expostos procuram avançar na busca da difusão e da visibilidade sobre desafios acerca das relações das mulheres com a vida cotidiana, no fortalecimento coletivo feminino/ feminista no sentido de regenerar e conquistar espaços e tempos, facultativos de liberdade e em direitos igualitários.

### Agradecimentos

Agradecimentos à PROEX/UFSJ, ao Fórum de Mulheres das Vertentes (FMV), às integrantes das mesas *Poéticas Latinas*, sobretudo às coordenadoras adjuntas Gabriela Manzi Zamudio da Universidade do Chile, à editora Tânia Ardito e à Revista Subversa, suas contribuições junto ao grupo de pesquisa A.T.A., à Larissa Alves, bolsista de extensão, e aos integrantes e colaboradores do projeto de extensão (R) Urbanidades Afro, Latino e Pan Americanas. Para informações do grupo de pesquisa vide: <https://linktr.ee/ataufsj>

## Referências

- ARENDR, Hannah. *A condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2008.
- BERTH, Joice. *Empoderamento / Feminismos Plurais / coordenação Djamilia Ribeiro*. São Paulo: Sueli Carneiro, Pólen, 2019.
- CARVALHO, Isabel Cristina. Critical spatial thinking in Women's Resilience for An Inclusive City. *Journal of Advanced Research in Social Sciences*, 4(1), 32–40., 2021 Disponível em: <https://doi.org/10.33422/jarss.v4i1.688> Acesso em: 10 nov. 2022.
- COLLINS, Patricia Hill. *Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro*. Sociedade e Estado. Brasília: Universidade de Brasília, vol. 31,n.1, p. 99-127, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=339945647006>. Acesso em: 04 nov. 2022.
- CURIEL, Ochy. *Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista. Nômadias (Col)* [en linea]. 2007, (26), 92-101. Acesso em: 14 Nov. 2022. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=105115241010>
- DAVIS, Angela. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2018.
- EPTV 1. *Busca por vagas em creche leva mães a enfrentarem fila sob sol forte em Ribeirão Preto*. Globo, 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2019/11/04/busca-por-vaga-em-creche-leva-maes-a-enfrentarem-fila-sob-sol-forte-em-ribeirao-preto.ghtml>. Acesso em: 03 nov. 2022.
- FEIJÓ, Janaína. *A participação das mulheres negras no mercado de trabalho*. Blog do Ibre, 2022. Disponível em: <https://blogdoibre.fgv.br/posts/participacao-das-mulheres-negras-no-mercado-de-trabalho>. Acesso em: 03 nov. 2022.
- FREIRE, Paulo . *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2013.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. *Anuário brasileiro de segurança pública 2022*, n. 16, 2022. ISSN 1983-7364. Disponível em:<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>. Acesso em: 03 nov. 2022.
- FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, DATAFOLHA. *Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil*. 3ª Edição. 2021.ISBN 978-65-89596-08-0. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/06/relatorio-visivel-e-invisivel-3ed-2021-v3.pdf>. Acesso em: 03 nov.2022.
- GROSGUÉL, Ramón. *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI*. *Revista Sociedade e estado*, vol. 31, n. 1, p. 25- 49, Jan-Apr 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xpNFtGdzw4F3dpF6yZVVGgt/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 nov. 2022.
- GRUPO DE PESQUISA A.T.A. *Poética Performativa y Política*. YouTube, 19 de abr. de 2022. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=FIQPAEmdn\\_I](https://www.youtube.com/watch?v=FIQPAEmdn_I)>. Acesso em: 15 de nov. de 2022.
- GRUPO DE PESQUISA A.T.A. *A poética feminista en las arquitecturas para la vida en la producción del espacio urbano*. YouTube, 19 de abr. de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9HtUchRiWeA>>. Acesso em: 08 de nov. de 2022.
- GRUPO DE PESQUISA A.T.A. *Poética de la vida en Ruralidades y Urbanidades*. YouTube, 19 de abr. de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6leoND76Jfg>>. Acesso em: 15 de nov. de 2022.
- GRUPO DE PESQUISA A.T.A. *Mesa redonda Poética Feminista en la literatura*. YouTube, 24 de abr. de 2022. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=heCOxmVxFQ4>>. Acesso em: 08 de nov. de 2022.
- HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. *GEOgraphia*, v. 22, n. 48, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/43100> Acesso em: 10 nov. 2022.
- HOOKE, bell. *Intelectuais Negras*. *Revista Estudos Feministas*, vol. 3, n.2, p. 464-478, jan. de 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465>. Acesso em: 08 nov. 2022.
- HOOKE, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo:WMF Martins Fontes, 2013. Disponível em: [https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/bell\\_hooks\\_-\\_Ensinando\\_a\\_Transgredir\\_1.pdf](https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/bell_hooks_-_Ensinando_a_Transgredir_1.pdf). Acesso em: 11 nov. 2022.
- IBGE Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil In: *Estudos e Pesquisas • Informação Demográfica e Socioeconômica • n.41*, 2018. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681\\_informativo.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf) Acesso em 14 nov. 2022.
- LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.
- MADEIRA, Fernando *et al. Inclusão da minoria e seus direitos na sociedade*. Pesquisas e inovações em ciências humanas e sociais: produções científicas multidisciplinares no século XXI, Florianópolis, SC: Instituto Scientia, vol. 1, p. 276 - 288, 2022. Disponível em: <https://institutoscientia.com/catalogo/livro-humanas-sociais-3>. Acesso em: 02 nov. 2022.
- MG2. *Mulher é agredida pelo marido e morre após denunciar caso à polícia na Grande BH*. Globo, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2022/10/22/mulher-e-agredida-pelo-marido-e-morre-apos-denunciar-caso-a-policia-na-grande-bh.ghtml>. Acesso em: 03 nov. 2022.
- NASCIMENTO, Adriana; LEITÃO, A. S.; GONÇALVES, Thais de A.; CARVALHO, A. L. R. *O caminhar é para todas? Uma abordagem de mulheres latino-americanas sobre derivas e flâneries na contemporaneidade*. In: XVIII Encontro Nacional da ANPUR, 2019, Natal. Anais do XVIII Encontro Nacional da ANPUR, 2019. Disponível em: <http://anpur.org.br/enanpur-xviii/>
- NASCIMENTO, Adriana; CUNHA, Pedro Henrique A.; VELHO, Ana Carolina; CANAVEZ, Luciana Vale. *Sujeito corporificado e urbanidades: relação espaço-sociedade*. Anais XVIII ENANPUR, Natal, 2019. Disponível em: <http://anpur.org.br/xviiienanpur/anaisadmin/capapdf.php?reqid=1190>

NASCIMENTO, Adriana. *Territórios do Corpospaçotempo: quem planeja?*. In: XIV Encontro Nacional da ANPUR, 2011, Rio de Janeiro. Anais do XIV Encontro Nacional da ANPUR, 2011. Disponível em: <http://anais.anpur.org.br/index.php/anaisenapur/article/view/862/846>. Acesso em 09 nov. 2022.

PINHEIRO, Cassi Ane; GUIMARÃES, Beatriz; LIMA, Tatiana Diniz. Fórum de Mulheres das Vertentes: entre diálogos, lutas, desafios e futuros possíveis. *SIAUS 2021 - o design do futuro hoje*. São João Del-Rei, Brasil, p. 95-110, 2021. Disponível em: <https://pipaus.ufsj.edu.br/siaus2021/anais-2-SIAUS-2021.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2022.

PROJETO DE EXTENSÃO (R)URBANIDADES AFRO, LATINO E PAN AMERICANAS, FÓRUM DE MULHERES DAS VERTENTES. *Formulário caracterização das mulheres participantes do Fórum de Mulheres das Vertentes*, São João Del-Rei, 2021.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidad del poder y clasificación social*. In: Cuestiones y horizontes : de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. p. 285-327. Buenos Aires: CLACSO, 2014. <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140506032333/eje1-7.pdf>

REVISTA SUBVERSA. *Oficina sonhos pandêmicos urbanos e rurais*. Edição especial, vol. 14, n.4, 2021. ISSN 2359-5817. Disponível em: [https://issuu.com/revistasubversa/docs/revista\\_subversa\\_final](https://issuu.com/revistasubversa/docs/revista_subversa_final). Acesso em: 08 nov. 2022.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Território usado e humanismo concreto: o mercado socialmente necessário*. In: Forma em crise. Utopias necessárias, p. 93-111. Rio de Janeiro: Arquimedes Edições, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 63, p. 237-280, 2002. Disponível em: [http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia\\_das\\_ausencias\\_RCCS63.PDF](http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/pdfs/Sociologia_das_ausencias_RCCS63.PDF). Acesso em: 02 nov. 2022.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. *O território e o saber local: algumas categorias de análise*. Cadernos Ippur, v. 2, p. 15-25, 1999.

UNDP (United Nations Development Programme). 2020 Gender Social Norms Index (GSNI): Tackling Social Norms: A game changer for gender inequalities. New York, 2020. Disponível em: [https://hdr.undp.org/system/files/documents/hdperspectivesgsnipdf\\_1.pdf](https://hdr.undp.org/system/files/documents/hdperspectivesgsnipdf_1.pdf) Acesso em 14 nov. 2022.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.